



Jovens começaram a JMJ em Fátima

A 31 de julho, antes das JMJ2023 em Lisboa, os jovens Carmelitas Descalças concentraram-se em Fátima, sob o olhar da Mãe. Éramos uns duzentos. Vieram de vários países e de três continentes.

Reunidos no Centro Pastoral Paulo VI, durante a manhã, houve diálogo dos jovens com o Padre Geral, Frei Miguel Maria Márquez, que desafiou os jovens a viverem centrados no essencial - a amizade com Jesus -, no serviço à Igreja, como Santa Teresa e São João da Cruz, e atentos aos sinaizinhos pequeninos que a vida nos propõe.

A parte da tarde foi ocupada em conhecer um pouco o recinto do santuário, em

dois workshops, e na Missa de encerramento na Basílica do Rosário. Um dos momentos de reflexão foi proposto por um casal, sobre a história e o carisma dos Carmelitas Descalças; o outro, foi dinamizado pela Irmã Ângela Coelho em torno à figura da Venerável Irmã Lúcia de Jesus.

Na Missa de encerramento o Padre Geral deu graças a Deus pelo bem que os pequeninos fazem na Igreja e na sociedade, e depôs no túmulo da Irmã Lúcia um pedaço de uma bomba russa que feriu o solo da Ucrânia, e que lhe fora entregue por uma mãe para que o trouxesse a Fátima, e assim rezássemos pela paz.

Espanha: Seminário sobre a vida intelectual dos Carmelitas Descalças

O CITEs de Ávila acolheu o Seminário dedicado à Vida Intelectual no Carmelo Descalço. De 27 a 29 de junho, dezassete pessoas provenientes de seis países diferentes (Espanha,

França, Inglaterra, Itália, Polónia e Suíça) debateram e refletiram sobre a interpretação das fontes da espiritualidade carmelita. Este encontro foi preparado em colaboração entre a Casa Geral dos

Carmelitas Descalços, a Pontifícia Faculdade de Teologia «Teresianum» de Roma e o CITEs. É o segundo seminário deste género: o primeiro teve lugar o ano passado no Teresianum de Roma.

O tema do seminário de Ávila foi a leitura dos autores carmelitas, Santa Teresa de Jesus e São João da Cruz. Foram cinco os palestrantes que o desenvolveram: Saverio Cannistrà (Itália), Juan Antonio Marcos (Espanha), Emilio Martínez (Espanha), Jerzy Nawojowski (Polónia) e Christof Betschart (Suíça). Entre os participantes encontravam-se também três Carmelitas Descalças de Inglaterra, Itália e Espanha.

Durante o encontro, constatou-se que se sente a necessidade de promover uma mudança cultural na Ordem e de fomentar a sensibilidade para o estudo. A criação de uma nova mentalidade cultural só será possível com a ação conjunta do Governo Geral, dos Centros de Estudos, das Províncias religiosas carmelitas e dos seus superiores. As Carmelitas Descalças também devem ser incluídas neste processo. Existe entre elas um maior interesse e desejo de conhecer de forma mais sistemática os santos carmelitas, embora encontrem, por diversas razões, grandes dificuldades para aceder ao estudo teológico académico.

Itália: Congresso Nacional da OCDS

De todas as Províncias da Itália, os Carmelitas Seculares reuniram-se em Ariccia de 12 a 15 de julho para celebrar o seu Congresso Nacional cujo tema foi «Em busca do sentido da vida - O que Santa Teresa do Menino Jesus diz aos homens de hoje». Tratava-se de refletir, aprofundar e partilhar juntos em torno do carisma teresiano à luz do ensinamento de Santa Teresinha e de seus santos pais.

A presença do Superior Geral, Padre Miguel, do Delegado Geral da OCDS, Padre Ramiro, e do Assistente Nacional da OCDS, Padre Aldo, fez com que nos sentíssemos verdadeiramente uma só

família. Com as suas reflexões e com a sua amizade fraterna, encorajaram-nos e confirmaram-nos a viver a nossa vocação de Carmelitas Seculares na alegria, na fidelidade ao carisma e no compromisso de apostolado e missão a exemplo da Santa de Lisieux. As intervenções profundas e estimulantes do Padre Emilio Martinez ocd e do Padre Johannes Gorantla ocd, os testemunhos de vida de vários membros da OCDS, e a representação teatral de uma recreação piedosa de Santa Teresinha, pelos jovens de Loano, fizeram deste Congresso uma experiência rica e bela.

Colômbia: 18º Encontro Nacional da Ordem do Carmo Secular

De 4 a 8 de agosto, realizou-se em La Mesa de los Santos (Santander), na Colômbia, o 18º Encontro Nacional do Carmelo Secular. O encontro contou com a participação de seculares de todas as nossas presenças na Colômbia (Bogotá, Bucaramanga, Cali, Cartagena, Cúcuta, Medellín, Palmira, Pereira, Sonsón, Tumaco, Villa de Lei-

va) e com a presença de alguns dos frades assistentes. O tema foi «Santa Teresa do Menino Jesus, nossa irmã, que nos ensina a viver no meio da provação e da noite a fidelidade do seguimento do Senhor». Através da Eucaristia, conferências, workshops, tempos de oração e de recreio, viveu-se um tempo de alegria e de comunhão.

CRÔNICAS DA UCRÂNIA *no coração e na súplica pela paz*

Dia 14, sexta-feira

Cheguei ao aeroporto de Cracóvia às 8 da manhã. Esperam-me Tadeusz, provincial da Província de Cracóvia, e Paweł, um frade que nestes dias está destinado a Berdichev, para reforçar a comunidade.

Chegamos a PRZEMYSL, cidade da fronteira com a Ucrânia, às 10:30h. Dizem que é uma das mais belas cidades da Polônia. Em 1800, os austríacos fizeram dela uma fortaleza para defender-se da Rússia. Nessa época, não existia a Polônia. Almoçamos às 11:00h, com os acolhedores irmãos dessa comunidade.

Saímos em direção à fronteira às 12:00h. São 8 quilômetros. Karol nos aproxima da comunidade de Przemysl, no posto da fronteira. Já não há ONGs e postos para acolher os refugiados. É um caminho aberto, que conduz aos postos da Polônia e, em seguida, da Ucrânia. Muita tranquilidade em ambos os lados. Umas cem pessoas estão esperando para entrar na Ucrânia e outras tantas para sair de lá.

Uma infinidade de caminhões está à espera de passar pela fronteira, chegando, inclusive, a esperar dias.

Às 12:43h, atravessamos a fronteira da Ucrânia. Sem problemas.

12:50h: encontramos com Rafał Myszkowski do outro lado.

E avançamos. São sete horas de viagem até Berdichev. Essa manhã, Rafał já fez o trajeto de vinda.

Meia hora depois, passamos por Lviv, que foi bombardeada no dia em que eu estava saindo da Ucrânia pela última vez. E dizem-me que bombardearam novamente há alguns dias.

Às 17:50h, paramos na *Casa do Caçador*, um lugar de madeira original e rústico.

Chegamos a Berdichev às 22:05h, já à noite: a emoção do encontro com os irmãos Vitali e Paweł e a visita à Virgem em seu santuário nacional. As Irmãs estão preparando as flores para a festa de amanhã. A igreja está muito bonita.

O dia foi cansativo, intenso e alegre. Temos que descansar. Amanhã, uma programação muito forte nos espera, às vésperas da grande festa de Berdichev.

Dia 15, sábado

O dia amanhece tranquilo. Falaram-me que ontem as sirenes soaram uma vez. Ano passado, estas eram frequentes várias vezes ao dia. A vida está agora aparentemente tranquila, mesmo que a guerra continue e ceife muitas vidas. Ontem nos mostraram a foto de um jovem soldado morto no *front*, membro de uma das famílias de nossa paróquia. Oramos por ele e sua família.

Às 10:00h, vamos visitar refugiados que estão em Zhytomyr, uma cidade também atacada e bombardeada, porque aqui está parte do exército especializado da Ucrânia. Pelo caminho encontramos alguns grupos de peregrinos que estão caminhando em direção a Berdichev com seu bispo, sua bandeira, seus idosos e crianças. Benedict – novo delegado dos carmelitas para a Ucrânia, que ajuda muito ativamente os refugiados, nas necessida-

des dos soldados e que é também capelão militar – nos espera no centro da cidade. Depois de uma visita à catedral católica de Zhytomyr, chegamos ao centro e à biblioteca para crianças, onde um grupo de famílias nos espera para dialogar e compartilhar. São refugiados que vêm de Donetsk, Marinka, Kharkiv, Kherson, Zaporizhia. O encontro com essa gente me deixa muito impressionado. Há idosos, crianças e gente de meia-idade. Estão com eles três voluntárias, que ajudam Padre Benedict a distribuir alimentos e ajudas.

Todos eles têm experiência com as bombas. Choram enquanto nos contam sua história. Na cidade de Zaporizhia, os russos destruíram a represa e (Kajofka) e ficaram sem água. A cidade foi inundada. Mais de 500 idosos mortos.

Inundada a cidade de água, dali chega-

ram a Zhytomyr umas 200 pessoas. Falamos uma senhora de 87 anos, agradecendo muito à ajuda e ao apoio. Um homem com câncer e em tratamento de quimioterapia, que trabalhava como lutador de boxe, dá seu testemunho. Eles agradecem muito pela oração. Prepararam uma bolsa com alimentos e doces para cada família. Um encontro muito emocionante. Ficamos em um restaurante com um pastor protestante de uma igreja judia messiânica. Enquanto chega, falamos do trabalho de Benedict com os jovens e com os refugiados. Benedict é faixa preta em caratê. Um dos voluntários que nos conduz conta sua história. Era um bandido que roubava e fazia parte de uma quadrilha. Roubava carros. Agora colabora com a Igreja e aprendeu caratê com Benedict. Conhecem-se desde 1992. O grupo roubava carros e cometia outros crimes. Benedict trabalhava o caratê e a educação do caráter. Ele nos diz que a fé veio depois.

O Pastor Borys aparece no restaurante, sorridente e contando muitas experiências da guerra e o milagre de estar vivos. Afirma que Jesus falou que toda a sua equipe sobreviverá à guerra. Fala-o com convicção, olhando para o Céu, enquanto nos conta histórias engraçadas do *front*, de onde veio para encontrar-se conosco. Lutou no Afeganistão quando tinha 18 anos. E agora está lutando aqui, na zona mais difícil da guerra. Vivía com um trauma depois da guerra do Afeganistão, que conseguiu superar confessando-se e recuperando a espiritualidade. Para servir aos demais, converteu-se em pas-

tor. Em 2014, ao começar a guerra com a Rússia, convidaram-no a unir-se. Sua mulher disse que rezariam para pedir luz. Contemplando o Cristo, sentiu que Jesus lhe dizia: “Eu vou”, mas sem forçá-lo. E ele decidiu unir-se a Jesus, que estava indo para a frente de batalha. Em todas as partes vê como Deus atua nas pessoas, no coração das pessoas. Em uma ocasião, dispararam contra ele e o carro foi quase destruído, mas conseguiram deslocar-se por 25 quilômetros. Quando chegaram ao posto de gasolina, viram que não havia tanque de combustível onde colocar a gasolina. Conta-o como um milagre.

Em uma cidade cercada por tanques, na qual não era possível fugir, convidou os soldados a rezar e expressou sua fé de que poderiam ficar invisíveis para os russos. E conseguiram passar entre os tanques sem que atirassem contra eles. Os soldados se disseram surpresos com o fato de que Deus existe. Isso era em Lysychansk. Conta-nos que hoje muitos jovens estão morrendo. Mostra-nos a foto de seus companheiros soldados no bosque.

“Deus tem um projeto para a Ucrânia”, afirma-nos. E “todos temos um papel nesse projeto”.

Durante a tarde, os peregrinos vão se acercando ao santuário de Berdichev. Às 18:00h tem-se a missa solene. Há sete bispos e uns 50 sacerdotes de todo o país. Muitos peregrinos participam da missa na esplanada diante da igreja, porque não há espaço. A celebração é muito bonita. Os cantos são belíssimos. Convidam a rezar e a recolher-se. Preside-a Monsenhor Vitalii Kryvytsky, bispo de Kiev, diocese a

que pertence Berdichev.

O ambiente é muito familiar e amigável. A missa, muito bem preparada. Pediram-me para que eu pregasse. Ressalto a fé e perseverança dos crentes na Ucrânia e recordo o canto do Aleluia na festa da Páscoa do ano passado, e a impressão que tenho de sua fé valente. Agradeço-lhes o testemunho e a alegria de sua confiança. Recordo Emanuela, carmelita de *Regina Carmeli*, que morreu no ano passado e fora aceita para vir a Kiev nos anos 90 e não pôde fazê-lo, porque foi diagnosticada com fibromialgia, que a manteve de cama por 22 anos, com um sorriso nos lábios e orando pelo povo russo e ucraniano. Falo de tanta gente que luta e sustenta o mundo a partir de um lugar invisível e orante. A avó de Emanuela era russa, da Sibéria.

Depois da Comunhão, acontece um ato que enche de emoção a mim e ao resto dos presentes. Em Arenzano, no santuário do Menino Jesus de Praga, me deram uma imagem do Menino Jesus, para trazê-lo à Virgem de Berdichev e oferecê-lo ao povo da Ucrânia. O título do Menino é REI DA PAZ. E assim o apresentei a todos, com os aplausos da multidão. Imediatamente pronunciei o esperado ato de consagração de toda a Ordem do Carmelo à Virgem do Carmo, colocando nas mãos de Maria toda a grande família do Carmelo Teresiano.

Mãe de Deus de Berdichev, Santa Maria do Monte Carmelo, Senhora e Irmã nossa, Rainha da Paz, com um só coração e uma só alma queremos oferecer-te a homenagem de nosso agradecimento vivo e consciente, nesta

hora de dificuldade e de esperança, de sofrimento e de confiança. Vimos a ti com o grito e a súplica de todos os teus filhos e filhas.

Virgem da contemplação e do silêncio, Santa Maria do agora e da escuta, Mãe da esperança que não cessa de voltar a brotar, respiro e sopro de vida na angústia, mão segura no fracasso e na desolação, caminho que sempre leva a Jesus, margem de esperança e manto que protege em todos os perigos.

Consagro-te (consagramos-te) todo o Carmelo, todos os teus filhos e filhas no mundo inteiro, religiosos, religiosas e leigos, famílias e amigos. Somos teus e em teu coração nos refugiamos, para que sejas plenamente nossa Mãe, irmã, amiga e companheira; para nascermos de novo, para sermos uma Igreja nova em teu Coração Imaculado: Igreja fiel, discípula de teu Filho. Nesta tua casa de Berdichev, entrego-te todo o povo da Ucrânia, que em ti confia, e todos os peregrinos que hoje vieram celebrar tua festa.

Somos teus e em tuas mãos nos abandonamos e nos confiamos.

Santa Mãe de Deus de Berdichev, Mãe e formosura do Carmelo, roga por nós.

Um momento vibrante, cheio de emoção. Depois da missa acontece um ato tradicional aqui em Berdichev. O cônsul da Polônia na Ucrânia convida todos os bispos e embaixadores a um jantar de família. Falo do orgulho de ter a Virgem do Carmo como patrona dos católicos ucranianos e do orgulho de ver meus irmãos cuidando das pessoas e dando apoio a elas. Falo dos exércitos do Carmelo, daqueles que estão no campo de batalha, ajudando visivelmente, confessando, pregando; e daqueles que oram em silêncio,

na contemplação e entrega eficaz da via. O jantar é um tempo muito agradável de partilha. Sento-me entre a embaixadora da Croácia, mulher de muita fé, e o bispo de Kiev, com Thadeusz como tradutor.

À noite, fazemo-nos presentes na vigília por um breve momento. Os peregrinos oram durante a noite toda, até às seis da manhã.

Foi um dia intenso e maravilhoso, cheio de emoções. Agradeço muito por estar

precisamente aqui neste momento da história. Repeti-lhes que todo o Carmelo está unido para celebrar com o povo ucraniano e com todos os povos em guerra e em situações de dificuldade, falta de liberdade e pobreza. Que Maria cubra todos nós com seu manto e nos envolva em suas entranhas de esperança e de vida nova. Assim ela nos faz sempre sentir conectados com a vida e fonte da salvação.

Dia 16, domingo

Hoje o dia começa com o presente que é estar aqui. Não me parece que haveria lugar melhor para celebrar a festa de Nossa Senhora do Carmo hoje. Mas a sensação de todo o Carmelo unido em torno da Mãe e Irmã me dá uma alegria muito especial. Ela nos convoca e reúne sob seu manto.

O dia amanhece com música nos pátios vizinhos ao convento e na esplanada diante do santuário. Peregrinos que vão chegando de diferentes lugares. Todos se recordam que no ano passado a festa foi celebrada no *bunker* protegido debaixo da igreja, porque antes, durante vários dias tinham caído mísseis e bombas de fragmentação perto de Berdichev. E as autoridades não permitiam concentrações ao ar livre.

Este ano, os peregrinos são muito menos numerosos que antes da guerra, mas o ambiente é alegre e festivo, mesmo sentindo a guerra em si mesmos.

Às 09:30h, temos um encontro informal

e café da manhã com os bispos, nos salões do convento. Vão chegando diversos bispos: o núncio (lituano) Monsenhor Visvaldas Kulbokas; o presidente da Fundação JMJ Lisboa 2023, o bispo lusitano Américo Aguiar (um dos novos cardeais anunciados pelo Papa); o arcebispo de Lviv, que foi secretário de João Paulo II por alguns anos; e outros bispos ucranianos e poloneses, junto a provinciais e outros sacerdotes.

A praça está cheia de gente, que saúda com muita alegria. Há 14 bispos e uns quarenta sacerdotes. A celebração é belíssima. O coro canta maravilhosamente bem. O jovem núncio, de 49 anos, preside a celebração.

Toda a celebração é um tempo de oração e de comunhão. Tomam a palavra, no início e no final, os diferentes responsáveis do episcopado, o prefeito, o embaixador da Polônia na Ucrânia, o bispo de Kiev e os padres Vitaly e Benedict, prior e delegado. Ao final, agradeço a honra de

custodiar o santuário nacional da Mãe de todos os ucranianos. E recordo que estamos no 150º aniversário do nascimento de Santa Teresinha, que foi missionária com a oração e a entrega, aludindo às duas dimensões essenciais do Carmelo: a entrega visível e ativa e a contemplação, também efetiva e não menos valiosa. Recordo que Lúcia de Fátima também era carmelita. Agradeço a todos pela celebração e àqueles que não puderam vir.

A refeição é em um lugar junto ao rio, diante de Berdichev. Pela largura, parece um lago. São convidados bispos e autoridades. É muito rica a conversação com todos os presentes, particularmente com Monsenhor Mieczysław Mokrzycki, que fora secretário de João Paulo II nos nove últimos anos (1996-2005) e nos três primeiros de Bento XVI.

Saímos para Kiev às 18:45h, para organizar a ida de amanhã para o sudeste do país. Chegamos a Kiev às 21:40h, em dois carros, um deles cheio de comida, material sanitário e equipamentos para as ambulâncias militares.

A conversa com os irmãos de Kiev – Marek, Benedict, Jan e os dois voluntários que nos acompanham, junto com Tha-

deusz, Pawel e um funcionário – se estende até meia-noite.

Discutimos sobre a situação da guerra e o plano para amanhã. Iremos visitar a zona mais próxima à guerra, para levar o material médico.

Os irmãos falam que, em outras épocas, não foi fácil entre ucranianos e poloneses. Fala-se de um genocídio muito silenciado há uns 80 anos, no qual morreram mais de cem mil pessoas, em 1943, em Volínia. Há uma ideia nacionalista ainda viva e perigosa.

Falam dos desterrados da guerra. Em diferentes partes da Ucrânia estão, sobretudo, os que tinham muita facilidade para deslocar-se fora do país. Falam que a corrupção é muito forte. Muita gente se aproveita da guerra.

Benedict comenta conosco o plano de amanhã. Em Zaporizhia encontraremos os médicos e o bispo, celebraremos a Eucaristia e visitaremos a cidade.

O dia foi muito intenso e cheio de motivos para agradecer por tanta vida e entrega, devoção e solidariedade. Terminei o dia esgotado e muito agradecido por meus irmãos e as pessoas tão simples que lutam e trabalham pelos demais.

Dia 17, segunda-feira

Começamos o dia às 06:30h. Benedict afirma que, desde que começou a guerra, foi a primeira noite na qual não escutou sirenes.

Às 07:00h, saímos de nossa paróquia em Kiev em direção a Zaporizhia. Temos sete horas de caminho pela frente. Vamos para o sudeste. Aproximamo-nos da zona onde está o conflito. Hoje o dia será também muito cheio e muito intenso. Ao sair, rezamos Laudes e o *Angelus*. Pusemo-nos nas mãos de Maria, a qual sentimos verdadeiramente como Mãe e refúgio.

Vamos em dois veículos: um carro e um furgão cheio de comida e de material médico para as ambulâncias que atendem os soldados feridos e equipes médicas, para algum hospital. Falaremos com os médicos e o bispo para saber mais sobre como está a guerra, sobre sua experiência.

Fazemos várias paradas no caminho. Encontramos um comboio militar de vários quilômetros.

Depois de mais ou menos 550 quilômetros, chegamos a Zaporizhia. Recebe-nos na casa do bispado o bispo auxiliar polonês Jan Sobilo. É muito amável e atencioso. Celebramos a missa com um grupo de 40 pessoas. Vitaly preside a missa.

Recebemos uma equipe de médicos que atende os feridos no *front*. Contam-nos que todos os dias jovens morrem e que recolhem aqueles que podem. O material que trazemos é muito valioso para eles. Entregamos-lhes um equipamento para fazer eletrocardiograma. Ficam muito gratos. Entregamos também alimentos.

São médicos voluntários da região de Kiev e do oeste do país.

No bispado de Zaporizhia organizam também entrega de material médico e comida para as pessoas.

Antes da guerra, havia aqui um milhão de habitantes. 300 mil pessoas partiram, mas vieram muitas outras de Mariupol, Melitopol etc. 80% dessa região é território ocupado pelos russos. Só 20% está sob domínio da Ucrânia, onde estamos agora. O bispo nos leva a dar um passeio pela cidade. Ele chegou há trinta anos e fala da realidade com muito conhecimento de causa. Fomos visitar o rio, que agora quase não tem água. A represa de Dnieper, em Nova Kachowka, foi destruída há um mês – em 6 de junho de 2023 – pelos russos. Muita gente morreu.

Estamos a 40 quilômetros do território onde está o exército russo.

Ocuparam a estação atômica de Zaporizhia, em Enerhodar. Um grande desastre ecológico poderia acontecer. É a maior central nuclear da Europa, quatro vezes maior que Chernobyl. Dizem que a guerra continuará por aqui, nestes 20% ainda não ocupados, e que é questão de tempo. Ameaçaram contaminar os rios com milhares de barris de resíduos radioativos, que poderiam causar um imenso desastre ecológico até o Mar Negro. Putin disse que esse território será da Rússia ou não será de ninguém.

Aqui há 11 hospitais, todos cheios de jovens feridos da guerra. Agora os estão mandando embora por falta de espaço.

Continuamos a conversa com o bispo e uma jovem voluntária – Olena, de Nova Kachowka, cuja família também foi destruída para o oeste, a Lviv. É jornalista, mas realiza principalmente o trabalho de organizar a ajuda sanitária com os hospitais e no *front*.

Dá arrepio pensar com que calma falam que a guerra chegará, cedo ou tarde, a essa parte. Um dia ou outro. E sinto com força o desejo de orar e suplicar.

Na conversa com o bispo e todos os presentes, fica muito claro o desconhecimento internacional da situação, o papel dos Estados Unidos no conflito e a atitude muitas vezes descomprometida de parte da população e dos jovens, enquanto

outros estão morrendo na frente de batalha. Dizem-nos que não é fácil encontrar capelães para atender os soldados que reclamam a presença espiritual. Muitos capelães também morreram. Volto para trazer escapulários e terços pedidos pelos soldados. Santiago, um frade de 90 anos, fez muitos à mão e os entregarei hoje. As carmelitas de Haifa e Nazaré, as de Piacenza (Itália) e outras fizeram terços e escapulários. Todo o Carmelo está aqui presente com a oração e o coração, pedindo a paz para todos os povos.

Amanhã, 18, iremos ao ponto mais próximo do *front* para levar o resto do material sanitário.

Dia 18, terça-feira

Começamos o dia partilhando a Eucaristia na catedral, às 08:00h. Vêm umas 60 pessoas. Só dez homens. Uma grande maioria deles está na guerra.

Ao terminar a missa, muita gente se acerca ao bispado e fora do muro do recinto, para buscar alimentos. Quatro dias por semana, vêm umas 1500 pessoas, às quais se distribuem pão e alimentos em conserva. Os Frades Albertinos ajudam o bispado na distribuição.

Às 09:30h, saímos com o bispo e Olena para perto da guerra. No caminho, Olena nos dá um curso rápido sobre como fazer um torniquete em caso de sermos feridos. Mostra-nos o material que é utilizado. Diz que em Zaporizhia se deve

estar preparado todos os dias. Muitos mísseis caem. Essa manhã, quando o bispo estava elevando o cálice, a sirene tocou. Também durante a noite. Nesses dias escutaremos as sirenes várias vezes. Na diocese de Kharkiv-Zaporizhia havia 20 milhões de habitantes em 2012. 1% de católicos. Agora são, aproximadamente, uns 10 milhões. É a esta diocese que pertence Donetsk (por nós conhecida como Danbas), Járkov, Dnipropetrovsk, Lugansk, Poltava, Sumy e Óblast de Zaporizhia.

Vamos para uma cidade próxima ao front de guerra, cujo nome me pedem para não escrever na crônica. Cruzamos com várias ambulâncias em sentido contrário. Encontramos uns postos de controle

militar. Pedem-nos a documentação. Chegamos ao hospital às 11:00h. Para cá trazem os feridos. O médico cirurgião, corresponsável pelo hospital, nos explica que há diversos pontos para onde levam os feridos. Têm que mudar de lugar porque atacam também os postos sanitários e as ambulâncias. Têm veículos que podem circular onde não há caminhos. O doutor fala que aqui há luz (metafórica e real); que, na frente de batalha, não há luz: “Ali não há civilização”. Explica-nos as condições no terreno da guerra, as tocas nas quais se escondem e como conseguem tomar banho com um litro de água. Mostra-nos os alojamentos com camas muito básicas. Alojamentos para dez enfermos. Saudamos vários deles. Uma enfermeira nos pede a bênção. Pergunto-lhe quantos feridos recebem por dia, mas estão proibidos de fornecer esses dados.

Às 11:20h, as sirenes soam enquanto visitamos o hospital. Mostram-nos as ambulâncias nas quais recolhem os feridos. O momento especialmente alegre se dá ao entregar todo o material médico e sanitário que trazemos. O médico agradece muito os desfibriladores, os equipamentos para eletrocardiograma, os monitores cardíacos para as operações e os respiradores... abraça, feliz, o monitor para as cirurgias. Trazemos roupa sanitária, leitos dobráveis para recolher os enfermos, tudo comprado com o dinheiro que vocês foram enviando do mundo inteiro à conta para a guerra na Casa Geral. O médico me agradece muito por essa ajuda e me pede que transmita o agradecimento aos doadores. No espaço

de fora do edifício, no jardim, vemos soldados com curativos e remédios.

O doutor disse algo que faz estremecer: talvez nos estivesse faltando esta guerra para despertar. Oxalá despertemos!

A intenção que tínhamos era chegar a um lugar mais próximo do front, a poucos quilômetros da guerra. Mas nos desaconselham o risco. Em outubro do ano passado, veio o cardeal-esmoler do Papa, Monsenhor Konrad Krajewski, da parte do Vaticano, para conhecer a situação e trazer ajuda. Atiraram contra ele, mas sem consequências.

Decidimos voltar a Zaporizhia. Almoçamos às 13:30h e tomamos o caminho de volta para Kiev às 14:30h. Despedimo-nos de Monsenhor Jan e de Olena. Realmente vivemos um momento agradável com eles e nos acolheram com muito afeto. O bispo nos despede com muita simpatia e carinho. Um bispo muito valorizado pelas pessoas.

O caminho de regresso é longo e com estradas ruins. Temos diante de nós umas 7 horas de viagem. Calculamos chegar à meia-noite. No caminho, há um momento em que chove a cântaros. Mais tarde, o céu se abre e dá lugar a uma paisagem maravilhosa ao entardecer.

Rezamos as Vésperas no caminho, enquanto chegamos a Kiev às 22:30h.

Conversamos um instante com Marek e Benedict. Falam-nos da quantidade de pessoas que vêm conversar e pedir comida ou medicamentos aqui na paróquia. Vêm também os ortodoxos. No princípio, o governo ajudava aqueles que eram refugiados ou desterrados. E, quando retiraram a ajuda, algumas famílias dei-

xaram de ajudar os desterrados. Há gente que está realmente passando fome. Viram como as pessoas que vinham comiam como se não o tivessem feito há uma semana.

Marek e Benedict falam de quando iam à frente de batalha confessar e atender os soldados. E como dispararam contra eles, sem chegar a atingi-los. Uma conversa muito fraterna ao final de um dia, na qual expressam a gratidão por estar com eles o Geral e o Provincial.

Marek diz que confiou a paróquia e Kiev a São José e sente que ele os salvou.

Confio à oração daqueles que estão lendo a vida de cada pessoa que encontramos no caminho, de todos os que sofrem e provocam a guerra, das famílias, das crianças e dos mais vulneráveis, dos que ideologizam ou fazem negócio ou corrupção com a guerra. Uma súplica orante para todos os que olham para o lado ou de quem desviamos o olhar quando os meios de comunicação já não se interessam.

Ao final do dia, tenho a sensação de ter encontrado muita gente que luta e se compromete, ora e se entrega sem tréguas. Fica em mim a alegria e o orgulho por alguns irmãos que estão acompa-

nhando e alentando, sabendo que todos precisamos cuidar de nós e nos apoiar. E que as guerras mais decisivas acontecem ali onde estamos, no coração de nossa própria inconsciência, egoísmo e falta de humanidade, com nosso desamor pelo outro. Só peço a Deus que nos desperte e nos atice para não nos enganar e dormir. Que todas as pandemias, terremotos, guerras e crises nos façam sábios do essencial, não rendidos ao que é fácil ou encerrados em nossa própria carne. Que a carne ferida de qualquer outro é a carne ferida de Cristo a ser curada, enfaixada e cuidada, enquanto você também está ferido e sente o medo do que possa acontecer.

O dia é concluído com esses pensamentos, bem depois da meia-noite. Amanhã visitaremos Kiev e haverá outros encontros programados e inesperados.

Enquanto escrevo estas linhas, uma jornalista me escreve, dizendo que ontem à noite, à meia-noite e às duas da madrugada, a cidade de Zaporizhia, onde passamos um dia e meio e de onde saímos ontem, foi bombardeada. Hoje sabemos o que se passou.

Dia 19, quarta-feira

Chego à igreja ao lado do convento, aqui em nossa paróquia, e encontro uma senhora rezando sozinha, em voz alta. Começou sozinha o terço na hora prevista. Outros vão se unindo pouco a pouco, à medida que vão chegando, antes da missa.

A missa começa às 08:00h. Há umas seis pessoas presentes. Weronika, responsável da OCDS em Kiev e na Ucrânia, está ali. Saudamos o Carmelo Secular de todo o mundo por parte da Ucrânia, com um pequeno vídeo gravado no jardim.

Também veio à missa a Madre Maria, priora das carmelitas descalças de Kiev, que estão exiladas há um ano e meio em Czestochowa, em um lugar que os jesuítas reservaram para elas. Veio ver como estava o mosteiro, pensando no retorno da comunidade a Kiev.

Tomamos café com as duas. Madre Maria nos conta detalhes de sua vida aqui antes da guerra e agora. Há pessoas próximas que as ajudam muito. Maria diz que a bondade de Deus se faz sempre presente. As pessoas se comportam muito bem. Não recebem nenhuma pensão. E vivem com o que conseguem a cada dia, não têm dinheiro no banco.

Às 11:00h, saímos para o mosteiro com Madre Maria. Percorremos o edifício, a capela, o jardim. Tudo está em muito bom estado. Robert, um polonês muito diligente e responsável, que trabalha no mosteiro desde 2004, cuidou de tudo por ano e meio. É um restaurador de arte que, ao mesmo

tempo, arruma quase tudo na casa. O edifício sofreu dois impactos de projétil, que não chegaram a provocar incêndio.

Às 14:10h, saímos de Kiev e chegamos a Berdichev às 16:00h. Voltamos ao encontro com os frades para a oração da tarde e para uma celebração festiva.

Dou um passeio com Rafał até a ponte que atravessa o rio: um lugar maravilhoso, de onde se contempla nosso santuário. Nosso convento e igreja foram ocupados nos tempos da guerra – entre 1939 e 1945 – pelos russos.

Um dado curioso é que, no século XIX, 80% da população de Berdichev era de judeus. Nos anos 40, durante a Segunda Guerra Mundial, contam-me que em dois dias eliminaram, em Berdichev e arredores, uns 19 mil judeus. Junto ao nosso convento há cerca de mil sepulcros. A história é mestra, dizem, mas o ser humano nunca aprende... E, às vezes, dá a impressão de que vamos piorar, e com uma inconsciência mais refinada.

No *bunker*, sob nossa igreja, existe a possibilidade de refúgio e encontro para todos. Aqueles que, desde o início da guerra, querem vir da cidade, quando soam as sirenes ou faz frio em sua casa por causa de calefação, se refugiam aqui. Usam-no, sobretudo, para as crianças. Na escola ao lado, que foi nosso convento, dão aulas a umas 700 crianças. Quando as sirenes tocam, refugiam-se debaixo da igreja. Compraram projetores para cinema, oferecem café, há calefação e instalaram *wi-fi* para

que as pessoas possam estar conectadas. Também há colchões para os que quise-rem dormir, em caso de necessidade. Mas agora, quando soam as sirenes, quase ninguém vem ao refúgio.

Às 20:00h, reunimo-nos na igreja para rezar o terço juntos. Fazem-no diariamente, *on-line*, com muita participação. Acontece um momento muito bonito. Oramos pela paz na Ucrânia e no mundo. Os que se fazem presentes são principalmente jovens. Com os frades à frente, com o hábito e a capa branca e de joelhos o tempo todo. Ao final do ato, saúdo todos os jovens que são cuidados e acompanhados por Rafał. Dentro de uns dias, 70 deles irão à mon-

tanha, para sair desse ambiente. Recentemente, juntaram-se alguns jovens que não vinham à igreja, convidados pelos demais jovens. Há anos o Padre Rafał Myszkowski se encarrega de cuidar e oferecer aos pequenos e adolescentes um espaço de encontro, de diálogo, de catequese. Várias das jovens me dizem que seus pais estão na frente de batalha. Uma espera que o pai volte do *front* para que ela possa se casar. O dia termina com uma ceia no terraço do convento, detrás do recinto da fortaleza do convento. Um momento de diálogo sobre o que foi vivido nesses dias no sudeste, em Zaporizhia e no hospital dos feridos.

Dia 20, quinta-feira

Partimos de Berdichev enquanto sai o sol. São 05:30h. Hoje termina a nossa visita à Ucrânia.

Antes de chegar à fronteira com a Polônia, visitamos Lviv. É um dos alvos atacados com frequência. Em Lviv havia uns 700 mil habitantes. Agora, depois do começo da guerra, são pouco mais de um milhão. Muitos exilados e refugiados vieram a esta parte do país, saindo do leste. Visitamos o mosteiro de São Miguel, de monges greco-católicos. Recebe-nos Ali-pij, o superior, um monge muito agradável. Ele nos mostra tudo com muita amabilidade. Hoje, 20 de junho, celebramos a festa de Santo Elias, em que celebramos a festa de Santo Elias, nos apresenta uma capela muito bonita, cheia de ícones re-

ferentes à vida do profeta. Esse lugar foi convento e igreja dos carmelitas na primeira metade do século XVII. Tem afrescos dedicados à vida de Santa Teresa e a outros santos carmelitas. Agora é custodiado por monges greco-católicos.

Taras Antoszewski, especialista na arte e na história de Lviv, nos acompanha. A cidade está cheia de edifícios antigos, igrejas e monumentos. Por sua beleza, chamaram a cidade de “pequena Paris do Leste”.

Taras nos diz que a guerra ainda durará muito tempo. Fala da política. Nesses dias, chegaram muitos mísseis a Kiev, Odessa, Zaporizhia, Lviv etc. Passamos ao lado do parque São Jorge, onde havia uma estação da KGB. E nossos dias na

Ucrânia terminam com essa visita e o almoço em um restaurante típico da região. Passamos a fronteira em direção à Polônia às 16:30h. Voltamos a Przemysl para uma parada técnica, para saudar os irmãos e celebrar a missa na belíssima igreja dos carmelitas.

As impressões desses dias têm muitos matizes. Em nós fica muito fortemente impressa a gratidão dos irmãos por tê-los visitado, a alegria de sentir o Geral e o Provincial com eles, alentando-os – e, neles, toda a Ordem e tantas pessoas que enviaram suas mensagens de proximidade e apoio. Fica muito viva em mim a impressão da oração das pessoas nas igrejas, exército silencioso e eficaz; a ajuda de tanta gente com alimentos e remédios; os muitos voluntários e o trabalho precioso da Igreja acompanhando, sustentando, abençoando. Os soldados feridos que fomos encontrando na visita ao hospital, perto do *front*, o ir e vir das pessoas em cidades onde pareceria que a vida transcorre normalmente, embora seus homens e jovens – e também algumas jovens – estão lutando e morrendo na guerra. Os campos de girassol (um dos símbolos da Ucrânia) são intermináveis por todo o país e recordam a fecundidade e riqueza desta terra tão ferida e tão cheia de vida e, por isso, tão disputada.

Peço à Mãe de Berdichev, a Virgem do Escapulário, que cuide de seus filhos e filhas da Ucrânia e do mundo, de seu povo – para quem o final da guerra ainda não se vislumbra; para que a paz desejada não seja um silêncio de bombas e fuzis, mas uma mudança de consciência para construir juntos outros tipos e sociedade e de valores; outra sabedoria de vida, que nos faz tanta falta neste momento da história, onde sintamos como algo “nosso” a guerra em qualquer povo e país, e que cada ferido ou morto seja considerado nosso filho ou filha, não um número a mais; por todas as guerras silenciadas em tantos povos e em tantas famílias, desbertos e rebeldes contra tantos interesses econômicos, políticos e ideológicos manipuladores e desumanizadores. Que a vida não se passe em palavras e discursos, como esta crônica que agora concluo e cuja leitura lhes agradeço, mas em colocar nossa vida a serviço, pensando em dar voz e dignidade à dos demais que, sem exceção, são meus irmãos, minha família.

Deus os abençoe, nos desperte e nos mostre o caminho.

Frei Miguel Márquez Calle
Cracóvia, 21 de julho de 2023